

Título da página eletrónica: Mob

URL: <http://moblisboa.org>

José Soeiro



Electronic version

URL: <http://rccs.revues.org/5595>

ISSN: 2182-7435

Publisher

Centro de Estudos Sociais da Universidade
de Coimbra

Printed version

Date of publication: 1 mai 2014

Number of pages: 216-217

ISSN: 0254-1106

Electronic reference

José Soeiro, « Título da página eletrónica: Mob », *Revista Crítica de Ciências Sociais* [Online], 103 | 2014, colocado online no dia 27 Maio 2014, criado a 02 Outubro 2016. URL : <http://rccs.revues.org/5595>

The text is a facsimile of the print edition.



Herod, Robert Lambert, Ruth Milkman, Ronaldo Munck, Robert O'Brien, Gay Seidman, Dimitris Stevis, Peter Waterman e Edward Webster, entre outros/as.

Ao longo dos últimos cinco anos, o *Global Labour Journal* tem publicado estudos e reflexões que procuram abarcar diversas regiões do mundo, revisitando velhas temáticas e introduzindo novos e insti-

gantes temas à colação. Exemplo disso é o texto publicado por Michael Burawoy (volume 1, número 2) sobre as virtualidades do uso de conceitos polanyianos nos Estudos Laborais Globais, o que gerou um intenso debate ao longo dos números posteriores da publicação.

Hugo Dias

Título da página eletrónica: Mob

URL: <http://moblisboa.org>

No ano de 2012, a associação Precários Inflexíveis (PI), nascida na sequência do primeiro MayDay Lisboa, em 2007, juntava-se à cooperativa cultural Crew Hassan para abrir um novo espaço, que tomava a forma legal de uma associação: o Mob. Os PI eram então já conhecidos pelo seu ativismo na luta contra a precariedade, na denúncia de abusos laborais e na dinamização de campanhas públicas com grande visibilidade em torno de temas como os recibos verdes ou as dívidas à segurança social. A Crew Hassan, por seu turno, tinha sido criada em 2004 a partir da iniciativa de um grupo de amigos ligados às artes e à música, desenvolvendo desde então atividades de âmbito cultural e social, com um espaço na baixa de Lisboa, que incluía um bar, uma loja de comércio justo e uma área onde se realizavam múltiplas atividades, da música ao cinema, do teatro aos debates políticos.

O Mob, que funcionou até ao final de 2013 no Bairro Alto, em Lisboa, mudou-se em 2014 para o Intendente, na mesma cidade. Desta vez, o espaço passou a ser partilhado entre os Precários Inflexíveis e o coletivo pelo direito à habitação Habita, criado em 2012 por ativistas de diferentes áreas em torno da luta pela habitação e pelo direito à cidade, combate que “desafia os

múltiplos processos de segregação, precarização, discriminação e expulsão das nossas cidades”.

Nesta página eletrónica encontra-se a programação do Mob e é também através dela que podem propor-se iniciativas a serem ali acolhidas. O local funciona como uma espécie de centro social, “palco de cultura alternativa e bastidor de mobilizações”, ponto de encontro de militantes sociais e políticos, espaço aberto à comunidade, lugar de “auto-organização e mobilização para o que faz falta”, como se escreve na apresentação que é feita na página. De entre as atividades realizadas contam-se noites temáticas, grupos de estudos, aulas de teatro, sessões de jogos de tabuleiro, workshops de escrita criativa ou de preparação física, apresentação de livros, sessões de leitura, mostras de cinema, exposições e atividades para crianças. Contam-se também, claro está, as reuniões semanais do coletivo Habita, todas as segundas-feiras ao final da tarde, as assembleias dos PI e as sessões de esclarecimento sobre direitos laborais que esta associação promove todas as sextas-feiras, entre as 19h e as 20h.

Nos seus estudos clássicos sobre o processo de formação da classe operária, Thompson insistia na importância de o analisar a partir da experiência dos trabalhadores,

não apenas nas relações económicas, mas na vida comunitária, nos espaços de sociabilidade e nos seus modos culturais. De facto, é no mundo do não trabalho que frequentemente as classes subalternas puderam pensar sobre a sua condição e organizar-se para revertê-la. Não é por acaso que as autoridades dos finais do século XIX, nomeadamente em Inglaterra, se empenharam em controlar e proibir as feiras e as tabernas. Elas eram focos de criação de consciência de classe e de preparação de resistência política. Também a experiência dos centros sociais teve, para o movimento autónomo dos anos 60 e 70 do século XX, designadamente em países como Itália, uma importância fundamental na criação de espaços de cultura, politização e de organização que se subtraíam às regras da sociedade mercantil e da economia capitalista, organizando a experiência social a partir de outros princípios e lógicas. No tempo da comunicação em rede e do ciberativismo, a net proporciona um espaço de resistência, de comunicação e

de organização tanto mais relevante quanto a experiência do trabalho é marcada crescentemente pela fragmentação estatutária, pela desarticulação das antigas solidariedades e pelo despotismo patronal que impede a ação coletiva. Também a experiência relacionada com o local de habitação é frequentemente vivida a partir de processos que combinam segregação social e espacial, ausência de uma identidade forte e lógicas de relegação. Mas a relevância desse espaço virtual, como se tem verificado nos conflitos sociais emergentes neste primeiro quartel do século XXI, não anula a importância e a centralidade dos espaços físicos, antes o complementa e o hibridiza. O Mob (como outros espaços que existem em Lisboa e noutras cidades europeias, nomeadamente de raiz mais libertária) parece ser, na sua escala, uma espécie de combinação, para os tempos de hoje, deste tipo de espaços físicos que, como as tabernas ou os centros sociais, misturam resistência cultural, sociabilidades coletivas e conspiração política.

Título da página eletrónica: Oficina Precaria

URL: <http://oficinaprecaria.org>

Apresentada oficialmente no dia 1 de maio de 2012, a Oficina Precaria é um coletivo espanhol que nasce da dinâmica do movimento dos Indignados, em particular da Acampada de Madrid e de uma das organizações que a impulsionou, o Juventud Sin Futuro. Dirigida “a todo o tipo de trabalhadoras intermitentes (desempregadas, empregados com contratos temporários e a tempo parcial, falsas autónomas, estagiários e qualquer outra pessoa com trabalho precário)”, a oficina pretende ser um espaço de coordenação de lutas e resistências para desempregados e precários.

As suas atividades estão organizadas em torno de três eixos. Um deles é a assessoria jurídica gratuita sobre questões laborais, fornecendo informação, respondendo a questões e acompanhando, se for o caso, processos judiciais. Outro é a assessoria para a criação de cooperativas e outras formas de economia social como “alternativa realista ao atual mercado de trabalho”. Ambas têm formulários de contacto online. Em terceiro lugar, a Oficina Precaria tem também uma série de campanhas: “a caminho do 1.º de maio”, “mulheres e precariedade”, “não + bolsas X trabalho” ou “greve sem medo”.